



Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA
Centro de Humanidades
CAMPUS III- GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

ROBERTO DA SILVA ARAUJO

Linha de Pesquisa: Ensino de Geografia no Ensino Médio

**REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO
MÉDIO EJA NO CENTRO EDUCACIONAL RAUL DE FREITAS
MOUZINHO. GUARABIRA-PB.**

GUARABIRA-PB

2012

ROBERTO DA SILVA ARAUJO

**REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO
MÉDIO EJA NO CENTRO EDUCACIONAL RAUL DE FREITAS
MOUZINHO. GUARABIRA-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III- Guarabira, em cumprimento as exigências necessárias para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Professora Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques.

GUARABIRA-PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

A658r	<p>Araújo, Roberto da Silva</p> <p>Reflexões sobre o estágio supervisionado no Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho – Guarabira-PB / Roberto da Silva Araújo. – Guarabira: UEPB, 2012. 32f.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.</p> <p>“Orientação Prof. Esp. Cléoma Maria Toscano Henrique”.</p> <p>1. Estágio Supervisionado 2. Geografia - Ensino 3. Sala de Aula I. Título.</p> <p>22.ed. CDD 371.12</p>
-------	--

ROBERTO DA SILVA ARAUJO

**REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO MÉDIO
EJA NO CENTRO EDUCACIONAL RAUL DE FREITAS MOUZINHO.
GUARABIRA-PB.**

Monografia apresentada como trabalho de Conclusão de Curso ao Curso de graduação em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III- Guarabira, em cumprimento as exigências necessárias para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Aprovada em: 26/06/12

Cléoma Maria Toscano Henriques

Profª Esp. Cléoma Maria Henriques Toscano DG/CH/UEPB
Especialista em Análise Ambiental/UEPB
Professora do Departamento de Geografia
(Orientadora)

Maria Juliana Leopoldino Vilar

Proª Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar DG/ CH/UEPB
Especialista em Análise Ambiental/UEPB
Professora do Departamento de Geografia
(Examinadora)

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Proª Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira DE/CH/UEPB
Mestre em Educação/UFPB
Professora do Departamento de Educação/DE/UEPB
(Examinadora)

A Deus que é fonte de toda sabedoria e de toda graça.

A minha família que foi minha primeira escola, onde tenho o apoio
necessário para minha Vida.

A minha esposa Ana Aparecida que luta comigo por um futuro melhor

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me dá incontáveis graças.

Também agradeço aos meus pais João e Severina, aos meus irmãos Patrícia e Ronaldo e a minha esposa Ana.

Aos meus irmãos por escolha João Lucas, Rosinaldo, Júnior, Emanuel e Jedicleison.

Aos meus professores e as minhas professoras do ensino fundamental, médio e superior.

Aos meus colegas da turma de geografia 2008.1 noite.

A professora Cleóma Toscano pela orientação durante o estágio e durante a produção deste trabalho.

“A educação para a cidadania é um desafio para o ensino e a Geografia é uma das disciplinas fundamentais para tanto.”

Helena Copetti Callai

043- GEOGRAFIA

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO MÉDIO EJA NO CENTRO EDUCACIONAL RAUL DE FREITAS MOUZINHO EM GUARABIRA- PB.

Autor: Roberto da Silva Araujo

Orientadora: Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques - DG/CH/UEPB

Examinadoras: Prof.^a Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar DG/ CH/UEPB

Prof.^a Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira DE/CH/UEPB

RESUMO

O estágio Supervisionado além de ser exigência dos cursos de licenciaturas é também um momento de aproximação do estagiário do seu futuro ambiente de trabalho. Por isso este trabalho visa relatar e refletir as experiências vividas durante o estágio Supervisionado do curso de geografia na turma do 2º ano do ensino médio do Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho, que está localizada no Bairro Primavera no município de Guarabira-PB. Abordamos questões importantes como a prática pedagógica do professor de geografia no ensino médio e na turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e as dificuldades para a realização de um bom estágio, como também o que ele nos proporciona enquanto futuros docentes. Tudo isso partindo de leituras de autores que trabalham nessa perspectiva, como por exemplo, Helena Copetti Callai e Elza Yasuco Passini, entre vários autores. Mas, também a partir da nossa vivência de estágio, mostrando o que foi possível observar durante o período do estágio, que ocorreu de Abril a Novembro de 2012. Abordaremos alguns aspectos importantes do estágio, como por exemplo, as dificuldades encontradas durante esse processo, a observação e a regência de aulas e o contato com a escola, mostrando o quanto o estágio é importante na formação de um bom professor de geografia.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Ensino de geografia. Vivência de estágio.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1- Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho	23
FOTO 2- Corredores e salas da escola	23
FOTO 3- Entrevista com Genuíno	24
FOTO 4- Professor Genes	25

LISTA DE SIGLAS

EJA- Educação de Jovens e Adultos

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais

UEPB- Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 O Estágio Supervisionado e sua importância na formação Docente	10
2.2 Conhecer a escola e planejar: duas práticas indispensáveis para um bom estágio	13
2.3 Uma reflexão sobre o papel do professor de geografia	13
2.4 Uma breve abordagem sobre a Geografia enquanto disciplina no Brasil do século XX	14
2.5 A influência da Educação de Jovens e Adultos no Estágio Supervisionado	16
2.6 A geografia e os Parâmetros Curriculares Nacionais para Ensino médio	17
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
4 REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO MÉDIO EJA NO CENTRO EDUCACIONAL RAUL DE FREITAS MOUZINHO. GUARABIRA-PB	21
4.1 Uma breve descrição da escola do estágio	22
4.2 Relatos e reflexões sobre as aulas observadas	23
4.3 As regências durante o estágio: um relato sobre dificuldades, experiências e as práticas desenvolvidas	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as experiências vividas durante o estágio supervisionado realizado no período de Abril a Novembro de 2011, elencando os fatos marcantes e a importância do estágio na formação do futuro docente. Esse trabalho é fruto do processo de Estágio supervisionado das aulas de geografia do ensino médio no Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho, no município de Guarabira-PB, no turno da noite, na turma do 2º ano da Educação de Jovens e Adultos(EJA).

No trabalho foram utilizados os relatos das observações e das regências de aulas no ensino médio EJA como ponto de partida para uma reflexão da prática pedagógica do professor e do estagiário no ensino da Geografia, mostrando a importância desse processo na vida do licenciando de Geografia. Tudo isso partindo de uma metodologia pré-definida para execução do estágio e para a produção desta monografia, como por exemplo, a elaboração de um projeto temático, de um diagnóstico da escola, levantamento bibliográfico, produção de um relatório e elaboração final da monografia.

Consideramos de grande valia mostrar o quanto o Estágio supervisionado é importante na formação do licenciando por promover o contato do mesmo com o futuro ambiente de trabalho. Além disso, ele dá a oportunidade de refletir sobre a escolha da profissão de professor, bem como, colabora na formação profissional do futuro docente, apesar de não garantir uma formação completa do mesmo, como aborda Pelozo (2007, p. 2).

A Prática de Ensino e o estágio não garantem uma preparação completa para o magistério, mas possibilita que o futuro educador tenha noções básicas do que é ser professor nos dias atuais, como é a realidade dos alunos que frequentam a escola, entre outras. Essa oportunidade de observação e reflexão sobre a prática permitirá que o aluno/estagiário reafirme sua escolha pela profissão e resolva assumir-se como profissional politizado desde o início de sua carreira

O momento do Estágio é ímpar e não deve ser tratado apenas como simples requisito avaliativo de um componente curricular. Ele deve ser entendido como uma oportunidade se experimentar um pouco da prática pedagógica, por isso, Saiki e Godói (2010, p. 26) explicam que a Prática Pedagógica e o Estágio Supervisionado “não deveriam ser realizados apenas como um cumprimento da grade curricular”. Pudemos confirmar isso ao realizar o estágio, pois, ele nos proporcionou mais do que o cumprimento da disciplina acadêmica, o estágio foi uma oportunidade de mostrarmos o que estamos aprendendo, bem como, observar as dificuldades da prática pedagógica nos dias atuais.

O estagiário durante o tempo que está na escola ele deve ter a postura de um professor pesquisador. Ele deve ser cuidadoso e organizado ao desenvolver seus projetos e suas intervenções, como afirma Agnaldo Filho (2009, p. 2), “Durante o estudo *in loco*, é necessário que o discente assuma a posição de professor-investigador para desenvolver projetos de intervenção para ajudá-lo a desenvolver e escolher metodologias e abordagem para utilizar em sua prática (...)”. Também se faz necessário que neste momento o licenciando desenvolva a sua prática na produção do conhecimento e de uma prática pedagógica emancipatória, assim como explica Costa (2010, p. 9) ao falar sobre o estágio supervisionado.

No estágio supervisionado o licenciando poderá articular a teoria com a prática, poderá testar seus conhecimentos, poderá refletir se a construção do conhecimento que ele promove está de acordo com uma educação emancipatória e transformadora, ou seja, é onde ele irá produzir 'sua imagem e semelhança', enfim é onde a formação que ele teve virá á tona.

Vale salientar também que cada modalidade de ensino traz importantes colaborações para a formação do estagiário. Trabalhar com uma turma do EJA proporcionou o conhecimento de uma realidade nova. Percebe-se que a forma de trabalhar com Educação de Jovens e adultos é diferente da forma de trabalhar no Ensino Regular, pois, cada modalidade requer um empenho no uso de metodologias adequadas.

Isso porque a educação de Jovens requer uma adequação do currículo, da avaliação e das metodologias a realidade da faixa etária, ou seja, a orientação é para flexibilizar o processo de ensino fazendo a união da experiência do aluno com os conteúdos a serem desenvolvidos durante as aulas. “a experiência internacional recomenda flexibilizar currículos, meios e formas de atendimento, integrando as dimensões de educação geral e profissional, reconhecendo processos de aprendizagem informais e formais” (PIERRO E RIBEIRO, 2001, p. 14).

Enfim a vivência de estágio contribuiu muito para termos uma noção de como ocorre o trabalho na sala de aula e como se dá o processo de ensino-aprendizagem no ensino médio e numa turma de EJA. Além disso, pudemos colocar em prática, mesmo com dificuldades, o que discutimos e aprendemos ao longo do curso sobre a prática pedagógica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Estágio Supervisionado e sua importância na formação docente

Os cursos de Licenciaturas têm a missão de formar bons docentes, por isso um dos componentes mais importantes desses cursos é o Estágio Supervisionado. Por esse motivo, ele não pode ser tratado apenas como mero cumprimento de um componente curricular ou simples instrumentalização técnica, uma vez que, é ele que proporciona ao licenciando a vivência docente, ou seja, a aplicação da teoria estudada pelo Licenciando à prática no momento do estágio e principalmente na regência das aulas. “Não podemos considerá-lo como uma instrumentalização técnica, pois, seu objetivo deve ir além de ensinar conteúdos e modos de fazer a serem aplicados nas situações reais” (PELOZO, 2007, p.2).

O Estágio supervisionado contribui para que o discente entre em contato com o seu futuro espaço de trabalho para que assim ele possa ter experiências que irá ajudá-lo na sua vida profissional. “Por isso, o estágio supervisionado deve ser considerado como um componente que articula o conhecimento construído durante a vida acadêmica preparando os discentes para aplicá-lo em sala de aula como profissionais” (AGNALDO FIIHO, 2009, p. 3).

Segundo Saiki e Godoi (2010, p. 27), “Nos Estágios Supervisionados colocamos as teorias em prática. (...) Essa construção relacional é infinita, e quanto mais nos debruçamos sobre a teoria, mais nossa prática pode ser melhorada”. Assim, é necessário compreendermos que um bom Estágio se dá pela preparação adequada do estagiário e pela parceria entre a Universidade e a escola, entre a teoria e prática. Para tanto o estagiário deve antes promover um diálogo com a escola do estágio procurando conhecer a sua realidade.

O diálogo com a escola hospedeira tem um caráter de negociação, porque precisamos considerar a necessidade dos estagiários em sua formação inicial, as necessidades dos professores e dos alunos da escola básica e as circunstâncias limitadoras do tempo do sistema. (...) É na mesa de negociação que devemos colocar nossas metas, o que esperamos como resultado, como também ouvir dos professores o que esperam como resultado no final do percurso (PASSINI, 2010, p.34).

O Estágio Supervisionado, quando bem organizado e em parceria com as escolas da educação básica, traz bons frutos para o discente, pois, é nesse momento que o licenciando é desafiado a construir saberes e realizar uma nova prática de ensino. “A Prática de Ensino, por meio do estágio, permite aos discentes que não exercem o magistério a construção de saberes e a formação da identidade profissional” (PELOZO, 2007, p. 2).

2.2 Conhecer a escola e planejar: duas práticas indispensáveis para um bom estágio

O estágio Supervisionado sem o planejamento adequado e sem conhecimento do ambiente escolar torna-se uma prática desorganizada. É preciso que antes da regência o estagiário conheça a escola, o seu Projeto Político Pedagógico, entre em contato com o professor regente, observe suas aulas e planeje com cuidado a sua regência.

Nesse sentido planejar é mais que necessário, é essencial. “Qualquer projeto ou trabalho exige um planejamento, e em relação às escolas acontece o mesmo. O planejamento é uma ferramenta tão importante para a administração escolar” (SCANDELAI, 2010, p. 58).

Klosouski e Reali (2008) explicam o planejamento de ensino tem três fases. A primeira é o Diagnóstico da realidade, onde se vai trabalhar, a segunda a definição do tema que se vai trabalhar, que tipo de avaliação deve ser realizada. As autoras supracitadas ainda explicam que se o professor quer que o seu aluno aprenda, através de uma boa intervenção de ensino, o planejamento deve se tornar um compromisso.

2.3 Uma reflexão sobre o papel do professor de geografia

Entender qual é o papel do professor na sociedade atual não é tarefa fácil. Mas, é possível afirmar que ele tem à missão de educar para a cidadania, ou seja, colaborar para a formação de cidadãos. “Educar entendemos que seja criar as condições, instrumentalizar pessoas para que tenham acesso concretamente à sua cidadania” (CALLAI, 2003, p. 34).

O professor na sua prática pedagógica deve romper com o modelo tradicional de ensino e se renovar, sendo capaz de utilizar o que ele tem a sua disposição para melhorar qualidade do ensino, fazendo a ponte entre Universidade e Educação básica, através de sua formação continuada. “É necessário inventar um novo professor que conviva com as tecnologias e consiga fazer a transposição didática da Geografia acadêmica para a aprendizagem dos alunos do ensino básico” (ALVES; BARBOSA E LEANDRO, 201, p. 248).

Professor de geografia deve buscar refletir sobre o seu papel na sociedade atual, marcada pela Globalização, tendo a capacidade de pensar e ensinar criticamente e deixar de lado as antigas práxis da geografia apoliticizada e acrítica. “O desafio atual para o professor de Geografia é compreender a importância do seu papel na sociedade capitalista, ele precisa de uma formação com novas práxis, em que ele possa desenvolver junto aos seus alunos uma educação crítica, reflexiva, emancipatória e cidadã” (COSTA, 2010, p.2).

O papel do docente de geografia deixa de ser o de mero transmissor oral do saber e passa a ser de mediador do processo de ensino-aprendizagem. “Desenvolver um trabalho em sala de aula pressupõe que o professor tenha uma postura de mediador (...) Uma atuação que não leve em conta essas questões está fadada a criar no aluno a desmotivação, porque não permite que ele aprenda” (CASTELLAR, 1999, p.56)

Assim, a sociedade cobra do professor uma nova postura quanto a sua prática pedagógica, na qual devemos levar em conta a construção o saber a partir das experiências do aprendiz. Assim o professor deixa de ser Juiz do saber para ser o mediador do saber.

No fundo exige-se uma nova postura do professor no trato com seus alunos, com o saber que eles trazem consigo, pois embora sempre tenhamos de uma forma ou de outra, um tratamento com o que eles trazem, “na verdade somos *juízes* desse saber e quase sempre o rejeitamos como *não-saber ou pré-saber*” (Resende, 1986, p. 12). (...)A educação atual está a exigir de nós uma nova postura pedagógica, em que (como já foi salientado) o conhecimento seja mediador do diálogo entre o que aprende e o que ensina. O conteúdo não é um fim em si (CALLAI, 2001, p. 148).

É imprescindível que os professores em geral entendam que ensinar não é só repassar conteúdos preestabelecidos, mas que ao ensinar eles formam pessoas influencia as suas idéias e transformam vidas. Enfim o papel do professor de geografia ultrapassa as paredes da sala de aula, pois, ele é mediador do processo de compreensão do espaço onde tanto ele quanto o aluno são sujeitos. Por isso Callai (2003) afirma que é necessário transformar a geografia em algo vivo, que chame atenção do aluno e o ajude a usar sua criatividade.

2.4 Uma breve abordagem sobre a Geografia enquanto disciplina no Brasil do século XX

O ensino de geografia no Brasil no século XX teve algumas fases marcantes, como por exemplo, a sistematização da geografia acadêmica. Alguns acontecimentos marcaram essa primeira fase do século XX, dentre eles, destacamos a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1934, a fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 1939 e a fundação a Associação dos Geógrafos Brasileiros em 1935. É nessa década que a Ciência geográfica passa a ser produzida também no Brasil.

Como visto, a armação de um aparato institucional dedicado a essa disciplina data da década de 1930 com a organização dos cursos universitários de geografia no Rio de Janeiro e em São Paulo (1934), a normatização da disciplina no ensino básico de alguns estados, a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1935), a criação, pelo Estado, do Conselho Nacional de Geografia (1937) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1939) (MORAES, 1991, p. 171).

A oficialização da geografia como disciplina escolar começou no século XIX no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Já no ensino primário do Brasil ocorreu na década de

1940, como explica Marques (2008), “O ensino de Geografia passou a fazer parte do currículo oficial do ensino primário no País a partir promulgação da Lei Orgânica do Ensino Primário e a Lei Orgânica do Ensino Normal em 1946, conhecida como Reforma Capanema” (MARQUES, 2008, p.).

Esse período é marcado pela geografia caracterizada por uma neutralidade política e social, pautado por um grande enciclopédismo, de acordo com Kimura (2008, p. 22) a geografia aparecia com enormes Compêndios, que eram chamados de conhecimentos Gerais. “A tendência Lablachiana da Geografia e as correntes que dela se desdobraram mais tarde, a partir dos anos 60, passaram a ser chamadas de Geografia Tradicional” (PCN, 1998, p. 20).

Na década de 1960, no governo de Jânio Quadros, a geografia sofre um duplo impacto em relação ao seu espaço na escola. O primeiro impacto aconteceu com a promulgação da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), em 1961, uma vez que ela flexibilizou o currículo. O segundo impacto foi instituição da disciplina Educação Moral e Cívica, para atender as práticas governamentais, como o patriotismo ascético.

A segunda fase é a chamada Nova Geografia que se desdobra como uma crítica ao modelo tradicional de ensino. Essa tendência marcada pelo uso de gráficos, tabelas e uso da matemática, como métodos eficientes para o ensino.

Outro ponto importante nesse período pós 1960 mais especificamente em 1971 pela lei 5672/71 e o parecer 853/ 71 é introdução dos Estudos Sociais no currículo do 1º e 2º graus nas Escolas brasileiras, Segundo Rocha (2000). Esta junção da geografia com a história, dando lugar aos Estudos sociais causou um “esvaziamento dos conteúdos de geografia e História”, assim como afirma Marques (2008).

Assim, com a junção dos componentes curriculares houve um esvaziamento dos conteúdos de Geografia e História, dessa forma, a identificação de quais são os conteúdos geográficos e qual a importância desse componente curricular para essa faixa etária fica prejudicada, tornando-se uma dificuldade real para as professoras dessas séries. Com a permanência dos Estudos Sociais fica ainda mais difícil a compreensão de que a Geografia trata do onde as coisas acontecem, sendo dessa forma vinculada com a compreensão da dinâmica existente no espaço, enquanto que a História está relacionada com o quando as coisas aconteceram, ou seja, com tempo (MARQUES, 2008, p. 205).

E a terceira fase do ensino de geografia marcou principalmente o ensino superior, a Nova Geografia e a Geografia Crítica fazem parte desse movimento de renovação da geografia iniciado principalmente depois da década de 1960 em contraposição ao ensino tradicional até então predominante no País.

A geografia crítica é marcada por forte tendência Marxista, como afirma Braga (2007), “(...) pode-se afirmar que foram elas, as Geografias Marxistas e Humanistas que, nas décadas

de 80 e 90 do século passado, impulsionaram o que ficou como movimento de renovação da geografia” (BRAGA, 2007, p.137).

O termo Geografia Crítica para o ensino poder entendida segundo Braga (2007) ao jeito crítico como foram tratadas tanto a Geografia Tradicional quanto a Nova Geografia. Ela se dividia basicamente em duas vertentes, a vertente marxista e vertente humanista.

Na década de 1980 a história e a geografia voltam a fazer parte do currículo do ensino fundamental e Médio das escolas no Brasil. Porém, só com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, após meados de 1990 é que o ensino de geografia passa a fazer parte do currículo oficial das séries iniciais. Contudo, essas mudanças também trouxeram problemas. Dentre eles pode-se destacar a preparação ou a formação docente dos professores das séries iniciais no que diz respeito ao ensino de geografia.

2. 5 A influência da Educação de Jovens e Adultos no Estágio Supervisionado

A educação de Jovens adultos é uma modalidade de ensino da Educação básica amparada pelo artigo 37 da LDB, uma modalidade que acolhe aqueles que precocemente deixaram a escola. “A modalidade EJA do ensino médio destina-se aos maiores de 18 anos que não puderam concluir o ensino médio porque foram excluídos precocemente da escola” (GONÇALVES, 2009, p. 13).

Com essa modalidade de ensino devemos quebrar a ideia de que só a infância é o período para se aprender. Assim como nos explica Pierro e Ribeiro (2001), quando se referem a velha consideração de que a EJA é considerada apenas uma espécie de reposição da escolaridade de pessoas que não estudaram.

Um passo prévio implica superar a concepção de que a idade adequada para aprender é a infância e a adolescência e que a função prioritária ou exclusiva da educação de pessoas jovens e adultas é a reposição de escolaridade perdida na “idade adequada”... os objetivos da formação de pessoas jovens e adultas não se restringem à compensação da educação básica não adquirida no passado, mas visam a responder às múltiplas necessidades formativas que os indivíduos têm no presente e terão no futuro (PIERRO E RIBEIRO, 2001, p.70).

O Estágio Supervisionado vivido numa sala de aula da modalidade EJA nos levou a refletir sobre alguns aspectos dessa modalidade. A primeira é que a maneira de se trabalhar com a EJA é diferente, pois, esta trabalha com pessoas de opiniões formadas, que estudam e trabalham, muitas delas são mães e pais de família. Tudo isso leva o professor a refletir qual a maneira adequada para trabalhar determinados conteúdos de forma que os alunos se interessem pela aula, ou seja, pensar qual a metodologia pode ser usada.

Gonçalves (2009) em sua monografia diz quem são os alunos do EJA. Ela Fala que os alunos do EJA são pessoas ricas em experiências e é um público diversificado. Segundo Ela muitas pessoas têm a ideia que os alunos do EJA são pessoas que querem apenas o certificado de conclusão do ensino médio para conseguir um melhor emprego.

No estágio Supervisionado foi possível observar o que Gonçalves (2009) disse sobre os alunos do EJA, como já foi citado acima. Observamos que muitos alunos poderiam está cursando o ensino regular, mas, optam pela modalidade EJA porque a consideram mais flexível, ou seja, mais fácil de ser aprovado.

Entre muitos alunos prevalece a seguinte idéia: “para que perder tempo estudando se passo de ano de qualquer jeito”. Com isso, acaba acontecendo que alguns alunos se acomodam e se esconde por trás do trabalho, da falta de tempo e as vezes poderiam se esforçar um pouco mais. Todavia, é preciso considerar também se o processo ensino-aprendizagem está sendo significativo e está apontando para uma aprendizagem mais consistente e para uma perspectiva de melhoria na inserção profissional e na qualidade de vida (Gonçalves, 2009, p.39).

No entanto percebemos que há muita gente querendo aprender, pessoas que não tiveram essa oportunidade quando crianças e que hoje se esforçam o máximo para aprender, apesar das dificuldades.

Outro ponto importante é a questão do horário reduzido por ser geralmente no turno noturno. Isso resulta muitas vezes no descumprimento do conteúdo programado e na redução de horas/aulas. Ainda com relação ao horário pode-se ressaltar que muitos alunos chegam atrasados na aula, por diversos motivos entre eles o trabalho.

Todavia os problemas aqui citados não pretendem desvalorizar a Educação de jovens e adultos, pelo contrário, acreditamos que é necessário mais investimentos nessa modalidade de ensino, bem como, é preciso que a prática pedagógica mude para melhor.

2.6 A geografia e os Parâmetros Curriculares Nacionais para Ensino médio

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino médio definem o objetivo da geografia enquanto disciplina. Segundo os mesmos o objetivo da disciplina geografia é fazer com que o aluno compreenda o espaço geográfico, através de competências que devem ser desenvolvidas nos alunos do ensino médio, a saber: Representação e comunicação; investigação e compreensão; e contextualização sociocultural.

O primeiro grupo de competências tem como objetivo fazer com que o aluno compreenda os códigos próprios da ciência geográfica e possa representar o espaço

cartograficamente, desenvolvendo a ideia de escala e compreendendo as diversas representações do espaço geográfico.

No segundo grupo de competência o objetivo central é o desenvolvimento da capacidade de observação e compreensão da dinâmica do espaço geográfico através de vários conceitos articuladores da ciência como, por exemplo, paisagem, território, lugar, região e globalização.

O último grupo de competências visa a construção da capacidade de reflexão do aluno. Ele deve desenvolver uma compreensão mais complexas sobre a sociedade em que ele vive e sobre o seu papel nessa sociedade e sobre os impactos que a sociedade causa no espaço, ligando tudo isso ao cotidiano do aluno.

Outra competência definida para a Geografia é o conhecimento e a aplicação, no dia-a-dia, dos conceitos básicos de Geografia. Esses conceitos, no caso da disciplina a ser trabalhada no Ensino Médio, são aqueles considerados essenciais e que, de alguma forma, têm uma estreita relação com o espaço geográfico em si mesmo. É preciso também observar que todos esses conceitos se apresentam embasados por outras informações conceituais, as quais, evidentemente, precisam ser também conhecidas de quem trabalha os conteúdos e as práticas de Geografia nesse nível de ensino. (PCN, 2006, p. 64).

Os PCN ainda propõem uma espécie de organização programática da disciplina, através da articulação das competências e dos conceitos formando eixos temáticos. “No caso da Geografia, a definição dos eixos temáticos é facilitada pelo imenso leque de oportunidades que seus assuntos/temas oferecem como problemas passíveis de serem refletidos e avaliados, exatamente por se tratar de uma Ciência Humana” (PCN, 1998, p. 66).

Abaixo segue um quadro demonstrativo dos eixos temáticos para o ensino médio segundo os PCN.

EIXO TEMÁTICO	TEMAS
A dinâmica do espaço geográfico	1. A fisionomia da superfície terrestre 2. As conquistas tecnológicas e a alteração do equilíbrio natural 3. Ações em defesa do substrato natural e da qualidade de vida 4. Informações e recursos: representação dos fatos relativos à dinâmica terrestre

<p>O mundo em transformação: as questões econômicas e os problemas geopolíticos</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Um mundo que se abre (Redes, técnicas, fluxos) 2. Um mundo que se fecha (Blocos econômicos. Interesses políticos) 3. Tensões, conflitos, guerras 4. Mapas, índices, taxas
<p>O homem criador de paisagem/modificador do espaço</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. O espaço geográfico produzido/apropriado 2. A paisagem rural 3. A paisagem urbana 4. A população mundial: estrutura, dinâmica e problemas
<p>O território brasileiro: um espaço globalizado</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nacionalidade e identidade cultural 2. A ocupação produtiva do território 3. O problema das comunicações num território muito extenso 4. A questão ambiental no Brasil

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos para a produção desse trabalho seguiu alguns passos. Primeiramente fizemos um levantamento de trabalhos que tratassem de temas como: O ensino de geografia, o estágio supervisionado e Educação de Jovens e adultos.

Ao término do levantamento bibliográfico, partimos para a pesquisa de campo, ou seja, realizamos o estágio no centro educacional Raul de Freitas Mouzinho, em Guarabira. Para fazermos o nosso trabalho de campo, ou seja, o no estágio seguimos o seguinte roteiro: Contato com escola, observação de aulas, planejamento e regências de aulas.

Após a realização do estágio foi possível obter informações necessárias para produção de um relatório que elencasse os seguintes pontos: Realidade física e administrativa da escola, relatos e reflexões sobre as aulas de geografia no ensino médio EJA e as reflexões sobre as regências de aulas.

Após o término do estágio partimos para a produção de um relatório e foi a partir desse relatório que a presente monografia teve início. Para a produção desse trabalho monográfico levantamos as informações já citadas através da vivência na escola e de conversas com o diretor-adjunto e professor regente e também com alunos e funcionários.

Procuramos fazer reflexões a cerca da nossa vivência enquanto estagiários, com relatos bem sucintos e objetivos para mostrar um pouco do que possível observar durante o tempo que estivemos em contato com a escola.

4 REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO MÉDIO EJA NO CENTRO EDUCACIONAL RAUL DE FREITAS MOUZINHO EM GUARABIRA-PB.

O Estágio supervisionado na Universidade Estadual da Paraíba é regido pela resolução UEPB/CONSEPE/14/2005, onde diz que o Estágio Supervisionado constitui-se em Componente Curricular “obrigatório para todos os cursos de formação de professores da Educação Básica”. Por essa resolução também se define a carga horária do Estágio Supervisionado para cada tipo de curso de licenciatura.

A vivência do nosso estágio foi dividido em duas fases. A primeira fase foi a de observação da realidade escolar, para a elaboração de um diagnóstico da escola e observação das aulas de geografia. Já a segunda fase vai desde o planejamento das regências até a regência de aulas de geografia na escola do estágio, observadas e avaliadas pelo professor regente.

A primeira fase também foi marcada pela vivência no ambiente escolar. Onde os estagiários procuraram conversar com os funcionários, alunos e professores sobre a realidade escolar. Em seguida houve a observação de aulas no 2º ano do ensino médio EJA. Tudo isso resultou na produção de um pequeno diagnóstico da realidade escolar da escola direcionado principalmente para o turno do estágio.

A segunda parte do estágio foi a regência de aula de geografia para o 2º ano do ensino médio EJA. Esse período foi de muita dificuldade de se adequar ao horário da escola. No entanto após muita luta conseguimos ministrar 6 aulas sobre o processo de regionalização do espaço brasileiro segundo a proposta do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE).

No entanto não foi só de dificuldade como também de muito aprendizado, pois, para realizar boas aulas tivemos que pesquisar fazer um projeto temático, planos aulas e avaliações, colocando em prática o que nós tanto debatemos.

O contato com a escola foi algo nos proporcionou grandes experiências, entre elas a experiência de dar aulas para pessoas com mais idade que a nossa. E ainda pudemos conhecer além da sala de aula, a experiência do professor Genuíno, que é geógrafo e diretor adjunto, na gestão daquela escola e como é desafiador ser gestor escolar.

Também pudemos observar a prática pedagógica do Professor Genes, que é formado em história, mas estava dando aula de geografia. Foi possível perceber a dificuldade do professor em fazer um trabalho sério, uma vez que, enquanto o professor se esforça para dar aula e promover um diálogo construtivo muitos alunos atrapalham o trabalho dele.

4.1 Uma breve descrição da escola do estágio



Foto 1 Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho.
Fonte: Arquivo pessoal. Setembro de 2011

O Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho fica localizado na Rua Henrique Pacifico, no Bairro Primavera, no município de Guarabira-PB. Segundo o Diretor adjunto do Turno da noite o Professor José Genuíno a escola foi registrada em 29 de setembro de 2002 e conta com todos os níveis da educação básica. Segundo o mesmo a escola funciona pela manhã com o ensino infantil, à tarde com ensino fundamental e médio e a noite com ensino fundamental e médio pelo EJA (Educação de Jovens e Adultos)



Foto 2- Corredores e salas da escola. Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

A escola conta com um corpo docente 33 professores distribuídos da seguinte forma: 9 professores pela manhã, 12 pela tarde e 12 pela noite. Quanto ao número de alunos o Professor Genuíno estimou que ao todo a escola deve ter 900 alunos, desses 320 são do turno

da noite. Ainda com relação ao aspecto humano da escola é importante ressaltar que ela conta com 2 supervisoras, 1 coordenadora do EJA, 1 diretora e 3 diretores adjuntos, bem como, conta com uma orientadora pedagógica do município e uma psicóloga do município. Ainda podemos citar que a escola conta com 2 merendeiras e uma servente por turno e durante a noite a secretaria da escola é formada por um digitador e duas secretarias.

No que diz respeito ao aspecto físico da escola podemos citar alguns pontos. A escola possui 8 salas de aulas, 1 laboratório de informática, 1 videoteca, 1 biblioteca, 1 sala dos professores, 1 diretoria, 1 secretaria, 1 ginásio, 11 banheiros (6 para alunos, 4 para professores 1 para o diretor), 1 cantina, 1 caixa d'água e 1 almoxarifado. Dentre o que nós pudemos ver constatamos que os banheiros dos alunos é uma das partes do prédio menos conservada devido a ação de alguns alunos. Os recursos didáticos que a escola dispõe são 2 tv's, 1 datashow, 2 dvd's, 1 retroprojeto. Todas essas informações foram repassadas pelo Diretor Adjunto Professor José Genuíno.



Foto 3- Entrevista com Genuíno. Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

4. 2 Relatos e reflexões sobre as aulas observadas

Durante as 10 aulas observadas sob a regência do Professor Esp. Genes Duarte, procurou levantar os seguintes aspectos: presença e participação ativa dos alunos durante a aula, metodologia aplicada pelo professor em cada conteúdo abordado, tipo de avaliação e problemas diversos e inesperados durante a aula.

A turma ser observada foi a turma do 2º ano do ensino médio EJA do turno da noite. A turma era composta por 50 alunos. A maioria dos alunos são mulheres e muitos dos alunos matriculados são jovens que poderiam estar cursando no ensino regular, mas por considerar essa modalidade mais fácil, no que diz respeito à conclusão do ensino médio, optam por ela com intuito de receber apenas o certificado. Vale salientar que nem todos pensam assim.

Muitos desses alunos são pessoas esforçadas e que procuram dar o melhor de si para conseguir aprender de verdade.

Outra característica é que boa parte da turma tem dificuldade em prestar atenção na aula. Por sua vez o professor Genes, sempre bem paciente com a turma, procurava fazer com que ela participasse através de diálogo, de trabalhos apresentados e de momentos para tirar dúvida, porém, a participação era muito pouca.



Foto 4- Professor Genes na sala de aula. Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

No primeiro dia do estágio (07/04/ 2011) o professor Genes Duarte acolheu os estagiários (eu e mais dois) e pediu para que se fizessem as apresentações. Nessa aula de um total de 50 alunos apenas 38 estavam presentes na sala de aula. O tema abordado pelo professor foi “O processo de manufatura e a produção fabril”. A metodologia usada pelo professor foi aula expositiva com a interpretação de desenhos.

Entre os principais problemas observados na aula o que nos chamou a atenção foi o pouco tempo da aula, o atraso dos alunos, o desinteresse dos alunos e as interrupções da aula por motivos fúteis. Também percebemos que a forma de explicar o conteúdo era mais voltada para a história do que para a geografia. Tanto é verdade que o próprio professor em conversa conosco disse que por sua formação ser na área de História e não em geografia tinha a tentação de deixar um pouco de lado o aspecto geográfico.

Nos demais dias foram abordados temas, como por exemplo, A história do desenvolvimento industrial e os tipos de indústrias. O professor procurou diversas vezes incentivar os alunos a participarem das aulas, contudo, nem sempre o professor conseguiu.

Mas, dentre as aulas que observamos a última foi muito interessante, pois, apesar de ter apenas 10 alunos presentes houve a participação da maioria deles. Houve várias indagações e vários comentários dos alunos.

Observamos também que o professor durante as aulas não usava recursos didáticos como retroprojeter, data show ou vídeos. Ele mesmo nos explicou o motivo de não utilizar esses recursos. Isso se deve a pequeno tempo da aula e de um espaço apropriado que comporte o número de alunos da sala. Apesar disso também foi possível observar que o professor sempre que possível se utilizava de desenhos para chamar a atenção dos alunos para o tema.

Consideramos muito interessante a maneira do professor avaliar os alunos. Ele propôs um trabalho fácil e importante, ajudando os alunos a compreender o poder da indústria. O professor pediu aos alunos para que eles conseguissem o rótulo de qualquer produto industrializado e retirassem o máximo de informações possíveis daquele rótulo. Na sala cada aluno iria apresentar sua pesquisa assim era possível o conhecimento de várias indústrias e suas funções na sociedade.

Entre outras metodologias o professor ainda utilizou as palavras cruzadas, evitando falar muito e dando aos alunos a oportunidade de aprender se divertindo. No entanto o professor em outras aulas usou também a metodologia expositivo-explicativa.

Durante as observações das aulas foi possível ver a evasão escolar, muito difícil de controlar. Muitos alunos só assistiam uma aula ou nenhuma e ficava conversando nos corredores ou então apenas iam embora. Vimos o esforço do diretor em conversar com alunos no intuito de os fazerem assistirem as aulas, porém, muitas vezes esse esforço não era recompensado.

O nosso ultimo dia de observação de aula foi em 12/05/2011 só compareceram dez alunos, pois, no dia anterior houve uma paralisação dos professores da rede pública e no dia posterior haveria uma festa do dia das mães. Pela primeira vez durante o nosso estágio presenciamos alunos participando construtivamente da aula. Alguns alunos estavam discutindo com o professor o tema e aula estava mais tranqüila.

Nessas aulas observadas foi possível verificar algumas qualidades do professor e algo que ele poderia melhorar. Foi possível perceber que o professor Genes é excelente profissional do ensino de história, porém, no que tange a geografia ele deixa a desejar. Isso ocorre porque ele sempre prende mais a história, disciplina da qual ele é especialista, deixando um pouco de lado a questão espacial própria da geografia.

A falta de materiais próprios da geografia dificultou o seu desempenho, enquanto professor de geografia, o que não quer dizer que o mesmo não seja um bom professor, pelo contrário, ele é um professor bastante capacitado e esforçado na sua área de formação e durante as aulas observadas percebemos a dedicação do mesmo no ensino da disciplina pela qual ele é responsável.

4.3 As regências durante o estágio: um relato sobre dificuldades, experiências e as práticas desenvolvidas

Antes de iniciar a segunda parte do estágio, que é a regência, houve inúmeras dificuldades. A primeira delas foi a mudança do horário escolar duas vezes, o que nos pegou de surpresa, pois, quando já se tinha tudo preparado ao chegar na escola tínhamos a notícia de que o horário mudou.

Outra dificuldade foi que três vezes que fomos à escola não demos aula por diversos motivos e uma dessas vezes encontrou a escola fechada. A primeira vez foi no dia 15 de setembro, quando ocorreu a mudança de horário e não foi possível realizar a regência. Então o professor combinou que as regências seriam nas sextas-feiras seguintes. A segunda vez foi 23 de setembro devido a morte de uma professora do município não houve aula. A terceira vez foi no dia 07 de outubro, quando foi realizada a semana de provas da escola. Essas três vezes o grupo de estagiários foi bem preparado com material didático, porém, não foi possível cumprir com planejado.

As nossas regências ocorreram em três dias. O primeiro dia de regência ocorreu em 05 de novembro de 2011. Na oportunidade foram regidas duas aulas com tema a regionalização do Brasil. Nessa aula contamos a presença de 25 alunos. A aula seguiu o seguinte roteiro;

- 1- Apresentação dos estagiários e dos alunos para quebrar o gelo;
- 2- Sondagem verbal sobre o que é região ou regionalização;
- 3- Entrega e leitura do material didático;
- 4- Exposição de conceitos e do material;
- 5- Discussão com os alunos;
- 6- Encaminhamento e despedida.

Na oportunidade procurou-se conhecer o perfil da turma através das apresentações, bem como, quebrar o gelo para tornar a aula mais participativa, o que deu certo. Notamos que

apesar da turma ser bem agitada havia uma certa timidez em participar da discussão do conteúdo. Fizemos também a distribuição do material e procurou-se abordar o tema de forma a promover a discussão.

Abordou-se o conceito de região e de regionalização, bem como o processo de ocupação do território brasileiro. Dando prosseguimento foi feita a discussão do tema muito timidamente pelos alunos. E durante aula foi constatado que alguns alunos se interessaram pelo assunto e participaram da aula, lendo ou discutindo enquanto outros nem se importavam com nada. Tudo isso mostra o desafio que é o professor conseguir alcançar todos os alunos e fazê-lo se interessar pela aula.

No segundo dia de Regência houve a presença de 30 alunos. O tema dessa aula foi um pouco da história da regionalização do Brasil proposta pelo IBGE. Nessa aula procuramos explicar como ocorreu o processo de regionalização do Brasil por meio do IBGE, desde 1940 até os dias de hoje. Abordamos também os objetivos dessas regionalizações e os critérios usados para o estabelecimento das mesmas.

A metodologia usada para essa aula foi a exposição de mapas da regionalização e a discussão sobre esse processo, bem como o diálogo com os alunos a partir de uma leitura compartilhada e de perguntas destinadas aos alunos no intuito de promover uma discussão sobre o tema. Aula teve o seguinte roteiro:

- 1- Revisão da aula anterior;
- 2- Exposição de mapas para a discussão;
- 3- Explicação de como ocorreu o processo de regionalização;
- 4- Espaço de tira dúvidas e de diálogo;
- 5- Encaminhamentos e despedida.

Seguindo esse roteiro primeiramente foi feita uma revisão da aula anterior para situar no assunto aqueles tinham faltado na aula anterior. Logo em seguida foram apresentados alguns mapas da regionalização do Brasil no intuito de fazer os alunos perceber as mudanças que ocorreram. Prosseguindo foi feita a explanação do tema, com momento de tirar dúvidas dos alunos e de questionamentos e em seguida foram dados os encaminhamentos.

No terceiro dia de Regência participaram da aula 20 alunos. Na oportunidade foi feita uma avaliação com os alunos sobre o conteúdo discutido nas últimas duas aulas. Como objetivo de não se prender a método tradicional de avaliação foi feita uma mini-gincana de perguntas e respostas e a sala foi dividida em dois grupos. Enfrentamos apenas alguns

problemas como o pouco tempo, o barulho dos alunos e a falta de recurso áudio visual, mesmo assim a aula foi bem participada.

Alguns fatos interessantes ocorreram durante as regências. Em primeiro lugar alguns alunos durante as regências mudaram seu comportamento para melhor, muitos deles a partir do segundo dia de regência começaram a se interessar pelo conteúdo. No final da aula fizemos os agradecimentos aos alunos e ao professor regente. Os alunos por sua vez manifestaram grande aceitação do nosso trabalho. Assim vimos que com trabalho bem planejado e empenho é possível fazer com que o processo de ensino e aprendizagem seja mais proveitoso para o aluno e para o professor que também é sujeito desse processo.

É importante ressaltar que sem um bom relacionamento com as pessoas que fazem parte da escola não possível realizar um bom estágio. Neste sentido ao estagiar mantemos um bom relacionamento com o diretor-adjunto, o senhor José Genuíno, e com o professor Regente. Essa relação nos renderam bons frutos, pois, nos sentimos mais seguros para desenvolvermos o nosso estágio e além do mais aprendemos muito sobre o funcionamento de uma escola, uma vez que tivemos como falar com outros professores, funcionários da escola e alguns alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do nosso trabalho podemos afirmar que o estágio realizado no Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho foi de suma importância para a nossa formação docente. Já tive a oportunidade de lecionar no ensino fundamental numa escola particular, no entanto, o estágio proporcionou uma experiência ímpar.

Estagiar numa turma de EJA do ensino médio noturno nos mostrou as dificuldades e os desafios de um professor que ensina nessa modalidade. Vimos também que a de EJA é formada por pessoas adultas e cheias de experiências de vida. Também vimos que muitas vezes os alunos não levam a sério essa modalidade de ensino e não se esforçam para aprender.

Durante o estágio também vimos como funciona a escola e percebemos que desde o servente até o diretor todos são importantes para que tudo dê certo. Vimos que escola tinha exposto na suas paredes metas para o ano e percebemos que cada professor e cada funcionário se sentiam responsável pelo cumprimento dessas metas.

É possível afirmar que esse estágio contribuiu muito na nossa vida acadêmica, pois, procuramos colocar em prática tudo o que aprendemos na Universidade. No entanto percebemos que nem tudo que pretendíamos fazer foi possível se realizar. Planejamos tantas coisas, mas no final percebemos que o tempo era resumido e tivemos que replanejar as nossas atividades. Isso também foi importante porque nos mostrou que o professor tem que ser versátil, pois, na sala de aula tem-se diversos fatos inesperados que exigem do professor a capacidade de adequar seus métodos ao momento e ao público certo.

Enfim após a observação e a regência de aulas na turma e na escola já citada podemos afirmar que o estágio não é apenas uma exigência acadêmica da instituição, mas é uma exigência da vida do futuro professor. É também a oportunidade para que ele possa criar uma nova prática pedagógica que contemple novos aspectos do ensino.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. L. B.; BARBOSA, R. S.; LEANDRO, A. G. **Práticas e reflexões no Estágio Supervisionado em Geografia na Universidade Estadual Da Paraíba**. Uberlândia: Caminhos de Geografia revista on line. V. 12. 2011, p. 245-254. Disponível: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso: 28/04/2012

BRASIL, Ministério da Educação – MEC, Secretaria de Educação Média e Tecnológica – SEMTEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 166.

BRAGA, M. C. B. **O ensino de geografia nas séries iniciais do ensino fundamental: Uma análise dos descompassos entre a formação do docente e as orientações das políticas públicas**. Presidente Prudente: Terra Livre, 2007. 129-148p. Disponível: <www.agb.org.br>. Acesso: 03/02/2012

CALLAI, H.C. **A geografia e a escola: Muda a geografia? Muda a escola**. São Paulo: Terra livre, 2001. 133-152p. Disponível:< www.agb.org.br>. Acesso: 03/02/2012.

CASTELLAR, Sonia M. V. **A formação de professores e o ensino de Geografia**. Terra Livre, São Paulo, n. 14, p. 48-55, 1999.

COSTA, Glauber B. A. **Um estudo sobre a relação teoria e prática na formação do professor de geografia**. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. Sergipe: 2010, p.12. <www.educonufs.com.br>. Acesso: 10/10/2011.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

GONÇALVES, J. S. **Alunos da EJA do Ensino Médio no Município de Jataí: Expectativa e Perspectivas em Ingressar no Ensino Superior e a Expectativa dos Professores em Relação aos Alunos da EJA.** Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: 2009. Disponível: <forumeja.org.br/pf/sites/forumeja.org.br.pf>. Acesso em: 12/05/2012.

KLOSOWSKI, Simone Scorsim; REALI, Klevi Mary. **Planejamento de ensino como ferramenta básica do processo ensino-aprendizagem.** UNICENTRO - Revista Eletrônica *Lato Sensu*. 5 ed. 2008. Disponível:< www.unicentro.br>. Acesso em 25 de novembro de 2011.

MARQUES, V. **Reflexões sobre o ensino de geografia nas séries iniciais do ensino.** 1º SIMPGEO/SP, Rio Claro, 2008. Disponível:< www.rc.unesp.br/igce/simpgeo>. Acesso: 10/10/2011.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **“Notas sobre identidade nacional e institucionalização da Geografia no Brasil”.** In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 166-176, 1991.

PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. **Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado enquanto mediação entre ensino, pesquisa e extensão.** Revista científica eletrônica de pedagogia. 2007. Disponível:< <http://www.revista.inf.br>>. Acesso: 02/02/2012.

PIERRO, M. C.; RIBEIRO, V. M. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.** Cadernos Cedes, 2001. Disponível in site: www.scielo.br/scielo. Acesso em: 12/05/2012.

SCANDELAI, Natálie Rocanclagia. **Planejamento.** In: PASSINI, Elza Yasuco; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T (organizadores). *Prática de Ensino de geografia e Estágio Supervisionado*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SAIKI, Kim; GODOI, Francisco Bueno. **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado.** In: PASSINI, Elza Yasuco; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T (organizadores). *Prática de Ensino de geografia e Estágio Supervisionado*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SATO, Elizabeth Cristina Macceo; FORNEL, Sívía Renata. **Conhecimento do espaço escolar**. In: PASSINI, Elza Yasuco; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T (organizadores). Prática de Ensino de geografia e Estágio Supervisionado. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.